

## A EPOPEIA LÍRICA DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

*João Freire Rodrigues<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente texto constitui um ensaio sobre a obra do escritor português António Lobo Antunes, a sua importância para a literatura contemporânea e sobre o próprio escritor. Por tratar-se de um ensaio, o texto apresenta um carácter opinativo e as impressões do autor sobre a literatura, a construção do romance e da narrativa, além da própria experiência do autor com a obra de António Lobo Antunes e de encontros pessoais com o autor. O ensaio foi escrito para uma conferência na qual a arte romanesca com o anti-romance antoniano, sua construção baseada em memórias e sua prosa inovadora foram apresentadas a um público que ainda não conhecia o escritor, apesar da sua vasta obra literária já escrita até então. Apesar de não abranger uma abordagem de toda a obra de Lobo Antunes, o texto apresenta-a no seu conjunto destacando os principais romances, e tece comentários sobre a construção dos personagens, a perspectiva literária e estilo de construção do romance, própria do escritor estudado.

**PALAVRAS-CHAVES:** Literatura. Romance. António Lobo Antunes.

**ABSTRACT:** The present text constitutes an essay on the work of the Portuguese writer António Lobo Antunes, its importance for contemporary literature and on the writer himself. As it is an essay, the text presents an opinionated character and the author's impressions about literature, the construction of the novel and the narrative, in addition to the author's own experience with the work of António Lobo Antunes and personal encounters with the author. The essay was written for a conference in which Romanesque art with the Antonian anti-romance, its construction based on memories and its innovative prose was presented to an audience that did not yet know the writer, despite his vast literary work already written at the time. . Although it does not encompass an approach to the entire work of Lobo Antunes, the text presents it as a whole, highlighting the main novels, and makes comments on the construction of the characters, the literary perspective and style of construction of the novel proper to the writer studied.

**KEYWORDS:** Literature. Novel. António Lobo Antunes.

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade de Lisboa. Professor do Departamento de Ciências Sociais e Política (DCSP) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

[freirerodrigues@uern.br](mailto:freirerodrigues@uern.br)

## **INTRODUÇÃO: A DESCOBERTA**

São vários os caminhos possíveis para a descoberta de um escritor. A indicação de um amigo, a necessidade de ler um ou dois livros para o vestibular, as aulas de literatura, ou mesmo a simples curiosidade. Esta última alternativa tem se me afigurado como a mais prazerosa e mais desafiadora. Foi por esse caminho que descobri António Lobo Antunes. A primeira vez que ouvi falar deste autor foi em 2005 quando cheguei em Lisboa para fazer o doutoramento em Sociologia. Como uma das primeiras coisas que faço em toda cidade que visito pela primeira vez é percorrer as livrarias, deparei-me na primeira delas com muitos livros deste escritor português e logo bateu a curiosidade. Comprei um exemplar de *Esplendor de Portugal* e logo nas primeiras páginas, percebi que não estava diante de um escritor comum. Antes de chegar à metade do livro já estava eu convencido de que a obra daquele escritor que escreve de maneira tão diferente e fala de coisas banais com tamanha profundidade e elaboração, tinha de ser lida por inteiro. Tentei então seguir a sequência cronológica da sua obra, mesmo sendo tentado a interromper a sequência logo que chegava um novo lançamento. Pois intercalava a leitura dos livros mais antigos com os mais recentes. Assim li todos os que foram publicados de 2005 a 2009 (*Ontem não te vi em Babilónia, O Meu Nome é Legião, O Arquipélago da Insónia e Que Cavalos São Aqueles Que Fazem Sombra no Mar?*). Esta leitura intercalada de livros recém-publicados e daqueles que eu desejava conhecer para acompanhar a carreira literária de Lobo Antunes, permitiu-me perceber o aprimoramento do seu estilo, e encontrar um fio condutor que vai desde os livros mais autobiográficos, nomeadamente os três primeiros (*Memória de Elefante, Os Cus de Judas e Conhecimento do Inferno*) que, o escritor confessa ser uma espécie de catarse para se livrar das coisas que ali narra e que o atormentavam.

Não sendo eu um especialista em literatura, o meu contacto com a escrita de Lobo Antunes é fruto exclusivamente da curiosidade e do prazer da leitura. Portanto, a minha visão é a de um leitor apaixonado pelos seus livros, pela sua forma de escrever: a maneira única de trabalhar as palavras e prender a atenção do leitor, ao tratar de coisas banais com uma riqueza



de detalhes e uma profundidade capazes de revelar na psicologia das suas personagens o seu único compromisso: pôr a vida inteira entre as capas de um livro. Mas a minha visão é também a de um admirador do homem e do escritor que, ao contrário da fama de antipático, se revela uma pessoa extraordinariamente simples, descontraída, e desprovida de arrogância ou vaidade, embora também, excessivamente tímido. Tive a oportunidade de me encontrar pessoalmente com António Lobo Antunes por três vezes e de conversar com ele duas vezes. No último encontro, na Feira do Livro de 2008, trocamos algumas impressões sobre literatura: ele me perguntou quais escritores brasileiros eu lia mais e recriminou-me por não gostar de poesia.

Quando digo admirar o escritor e o homem é porque trata-se mesmo de pessoas diferentes. Aliás, disse Lobo Antunes, em diversas entrevistas e conversas, que um escritor nunca é a mesma pessoa: são muitas pessoas numa só. Porque nele, estão vivas todas as personagens e também os leitores. Sendo a minha visão a de um leitor, é como leitor que falo de Lobo Antunes. Mas um leitor que leu vinte livros de um escritor que escreveu vinte e quatro tem, por assim dizer, uma ideia construída do conjunto da obra, e conhece o estilo e as ideias que perpassam a criação literária, a psicologia das personagens e as inquietações filosóficas e, sobretudo, o compromisso estético e ético do autor.

Não me admira que os seus livros sejam pouco lidos pelas pessoas que falam ou escrevem o português com o sotaque do lado de cá do Rio Atlântico. Pois cá se lêem mais os *best-sellers* americanos e os galardoados com o Nobel. E Lobo Antunes tem fama de escritor difícil e antipático, que escreve livros tristes e melancólicos. O que não corresponde à verdade.

No presente texto pretendo apresentar algumas ideias sobre a obra de António Lobo Antunes e sobre a personalidade e trajetória artística e literária do autor, e ainda relatar de forma mais precisa o processo de descoberta e a familiarização com a sua escrita adquirida pela leitura dos 30 (trinta) romances (se é que são romances os seus livros), dos 05 (cinco) livros de crónicas, das inúmeras crónicas avulsas publicadas quinzenalmente na revista *Visão*,

entre Outubro de 2005 e Janeiro de 2014, além de um número razoável de entrevistas lidas e assistidas em publicações de cunho literário e jornalístico. Dessa forma, tentarei seguir a sequência da obra entre o escritor e o homem: sua concepção de literatura, de criação artística e a sua relação com os livros, com a crítica, com o seu país e com o mundo.

## **O ESCRITOR E O HOMEM**

Perguntado se se considera um grande escritor, António Lobo Antunes respondeu que se considera um escritor que trabalha muito. Um escritor que se preocupa, sobretudo, com a qualidade dos seus escritos e que anseia por escrever ainda o melhor dos seus livros, ou encontrar a grande metáfora como o próprio já afirmou, que vive atormentado pelo medo de que venha a escrever maus livros. Por isto Lobo Antunes afirma que está sempre a negociar com a morte, para que esta lhe permita escrever mais dois ou três livros. Isto parece revelar a personalidade de um homem que diz escrever “pela mesma razão que as pereiras dão peras” e que o faz regularmente desde os doze anos de idade. Embora só tenha publicado o primeiro livro aos trinta e seis anos. Podemos dizer assim que se trata de um escritor comprometido com o seu público e com a qualidade dos seus livros à revelia dos prêmios e das vaidades que cercam o mundo da literatura. Não que recuse os prêmios e honrarias, mas por ser desprovido de qualquer vaidade, no sentido em que considera que os prêmios não tornam melhores ou piores os livros de um autor. Se for possível encontrar alguma vaidade em António Lobo Antunes é muito mais uma preocupação com o rigor, em não se deixar levar pelo êxito e procurar sempre escrever o melhor.

Certamente por encarar o leitor como o grande destinatário da sua obra, afirma não ter direito de escrever maus livros, e teme que o venha a fazer. O seu compromisso com a escrita é levado a sério ao ponto de afirmar que enquanto escreve não faz outra coisa. Escreve todos os dias, das 10 da manhã às 20 horas, sem respeitar domingos ou feriados. Lobo Antunes escreve com regularidade desde os doze ou treze anos.



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Ensaio	ISSN 2965.2677	DOI 98.7654/3210.0987.6543.2109
---	--------	----------------	---------------------------------

RODRIGUES, João

Desde a publicação de *Memória de Elefante*, em 1979, e de *Os Cus de Judas*, no mesmo ano, tem conquistado o reconhecimento do público e da crítica, nomeadamente pela forma revolucionária com que escreve, ao tratar de forma profunda os acontecimentos banais, escrevendo sobre um Portugal que vê ruir as estruturas tradicionais da política e da sociedade sem, no entanto, dar qualquer conotação política às suas obras. Diz o escritor que o livro foi lançado no verão. E quando retornou da praia com as filhas, que eram pequeninas, percebeu que estava famoso. Mesmo que tratasse de temas como a guerra colonial, a decadência do estado novo e a revolução e o seu ideal de liberdade. Por esse motivo é que deixou o Partido Comunista, ao qual se filiou logo após a Revolução dos Cravos, por influência do capitão Ernesto Melo Antunes. Segundo ele, queriam que ele fizesse arte social, mas isto comprometeria a sua liberdade de criação.

O reconhecimento da crítica, entretanto, não foi imediato, tendo, inclusivamente, alguma dificuldade para publicar o primeiro livro, sendo constantemente apontado como um autor difícil e os seus livros vistos como tristes e melancólicos ou mesmo depressivos. A timidez e o quase absoluto desprezo pelas badalações próprias do mundo dos escritores contribuem para que António Lobo Antunes seja taxado de antipático. Os seus livros, longe de serem difíceis ou tristes, são, na maioria das vezes, divertidíssimos.

António Lobo Antunes nasceu numa família de classe média, em 1941, sendo o mais velho dos seis filhos de João Lobo Antunes e Maria Margarida Machado Almeida Lima. O nome, herdou-o do avô paterno, figura que vai marcar sempre as memórias do escritor. Viveu toda a infância e parte da juventude no bairro suburbano de Benfica, à altura, uma espécie de bairro rural, formado por quintas onde hoje são blocos de apartamentos, e que as pessoas ao se deslocarem para a Baixa lisboeta, diziam ir a Lisboa. Ou seja, era como se Benfica não fosse Lisboa, o que, para Lobo Antunes, parece ser um bocado verdadeiro. Benfica constitui um mundo à parte na sua memória e nos seus livros. A memória da casa e do bairro está presente sobretudo nas crônicas, nas entrevistas. Mas também nos livros, como *Tratado das Paixões da Alma*, *A Ordem Natural das Coisas* e *A Morte de Carlos Gardel*, que alguns estudiosos da prosa antuniana denominam a trilogia de Benfica.

<i>A Epopéia Lírica de António Lobo Antunes</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	95/107
---	------------------------	------	------	--------

Como revela nas duas crônicas intituladas *Retrato do Artista Quando Jovem (I e II)*, António Lobo Antunes lutou entre a ideia de ser escritor e a resistência da família, nomeadamente do pai, médico psiquiatra, professor da Faculdade de Medicina da Universidade Clássica, e presidente da Associação Internacional de Psiquiatria, que o matriculou em Medicina, quando ele estava decidido a entrar para as Letras, porque queria ser escritor. A mãe lhe dizia que os escritores não ganhavam dinheiro e o melhor que ele fazia era fazer-se médico. Todavia, António nunca deixou de escrever. Mesmo ao servir na Guerra Colonial em Angola, para onde foi mandado ao concluir o curso de Medicina. A estada em África e a convivência com a estupidez da Guerra Colonial, o sentimento de humanidade e de companheirismo com os seus camaradas, a amizade construída e a experiência de viver no limite entre a vida e a morte, constituem outro traço importante na escrita de Lobo Antunes. Alguns críticos chegam a afirmar que *Os Cus de Judas* é um livro sobre a guerra. Isto o autor desmente, ao afirmar que nunca escreveu sobre a guerra, no sentido político ou filosófico, mas sobre as coisas que lhe aconteceram na guerra.

Não resta dúvida de que a experiência da guerra marca os seus escritos, sobretudo os primeiros livros, de carácter mais autobiográficos. E quem leu as entrevistas em que o escritor fala da amizade com o seu capitão Ernesto Melo Antunes, e sobre o sentimento de camaradagem que mantém com os camaradas de guerra, é sempre tentado a imaginar o próprio escritor como personagem do grupo de militares e ex-companheiros de guerra que se reúne para o jantar que origina toda a tragédia narrada em *Fado Alexandrino*. Aliás, é nesse livro que se começa a revelar a principal marca da prosa de Lobo Antunes: a polifonia e o protagonismo dos personagens como narradores, para além das transições temporais, com recurso à memória.

Ao regressar da guerra, Lobo Antunes começa a exercer a psiquiatria no Hospital Miguel Bombarda, onde o seu pai atuara antes, e onde até hoje costuma escrever. Nesse período, dois acontecimentos importantes marcaram a sua vida e a sua escrita (as duas coisas não podem ser pensadas separadamente): a revolução, o famoso 25 de Abril, e a separação da

sua esposa Maria José. A separação parece ser o tema mesmo de *Memória de Elefante*, romance que inaugura a sua epopéia lírica, como o autor mesmo se refere às coisas que escreve. Já a revolução e as suas consequências, a desarrumação das elites portuguesas e os equívocos do partido comunista, são temas recorrentes em livros como *Fado Alexandrino*, *Auto dos Danados*, *Tratado das Paixões da Alma*, *O Manual dos Inquisidores* e *Exortação aos Crocodilos*.

A estas memórias se vão juntar, já na década de 1990, as mortes da ex-mulher, do pai e dos amigos, Ernesto Melo Antunes e José Cardoso Pires. Acontecimentos que são temas recorrentes nas crônicas, mas também estão presentes nos livros. Se calhar, contribuíram para a personalidade introspectiva do escritor, que confessa não gostar de entrevistas, porque os entrevistadores querem que se lhes diga em três minutos do que trata um livro. Mas o ser introspectivo não faz dele uma pessoa amarga como se costuma pintar. Da mesma forma que o seu convencimento de que na língua portuguesa ninguém escreve como ele, não o torna vaidoso ou arrogante. Isto não é uma constatação de que escreve melhor que os outros, mas de que conseguiu imprimir um estilo próprio, um tipo de criação literária que foge das formas convencionais do romance. Mesmo porque, é difícil classificar como romances os seus livros. Em uma entrevista à jornalista e crítica literária espanhola, Maria Luísa Blanco, Lobo Antunes disse que não sabe que o que escreve são romances: podem ser poemas, ou qualquer outro gênero. “Acho que são epopéias líricas”, diz o escritor.

Toda a vida de António Lobo Antunes se passa entre os livros. Desde a época do Liceu, quando deixava de lanchar na escola para comprar livros usados, passando pela guerra, onde recebia livros que a esposa enviava. Nessa época leu quase toda a literatura latino-americana. Mas é, sobretudo, um leitor de poesia. Nutre uma inestimável admiração pelos poetas e considera os brasileiros João Cabral de Melo Neto (1920-1999), Manuel Bandeira (1886-1968) e Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), os melhores da Língua Portuguesa no século XX. Quando foi indicado para o Nobel de Literatura, em 1996, afirmou numa entrevista que se na língua portuguesa alguém merecia o prémio, seria o Carlos Drummond de Andrade. Prémio esse que foi ganho dois anos depois por outro português, José

Saramago. A partir daquele ano a imprensa passou a dar destaque a uma suposta rivalidade entre ambos, que os dois negam.

Como leitor compulsivo, Lobo Antunes afirma ter lido muitos livros maus, e que algum escritor de quem gostou no passado já não gosta, tal como passou a gostar de outros a quem desprezava. No entanto, a influência de autores como o russo Anton Tchekhov (1960-1904) e o norte-americano William Faulkner (1897-1962), se torna visível nos seus livros, como se pode ver na proximidade estética entre a narrativa de *Esplendor de Portugal* e *O Som e a Fúria*, de Faulkner.

António Lobo Antunes se apresenta, assim, como um escritor de memórias. De memórias de lugares como Benfica, Nelas (onde ficava a casa do avô materno) e Angola. Memórias de pessoas como o avô (que o levou a Pádua para fazer a primeira comunhão), o pai, a falecida esposa, Zé, e os amigos como Ernesto Melo Antunes, José Cardoso Pires, Eugénio de Andrade. Mas também recorre a amigos vivos como Júlio Pomar, Daniel Sampaio e Eduardo Lourenço. Ele diz que não exerce nenhuma influência política e afirma não ter vida social e existir apenas enquanto indivíduo. Vive dos livros e para os livros. O seu compromisso é com a arte, com a estética. Quando está a escrever é totalmente absorvido pelo trabalho. Apenas faz pequenas pausas para escrever as crónicas, sempre no primeiro domingo de cada mês. Trabalhador incansável, ele é capaz de passar os dias a escrever e almoçar apenas um sanduíche do McDonald's, ou nos restauantezitos da rua onde mora. Envolvido tão somente com os personagens, afirma que o livro tem vida própria, e se completa à revelia do autor.

### **A ARTE DO ROMANCE OU O ANTI-ROMANCE DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES**

O filósofo e ensaísta inglês Walter Pater (1839-1894), escreveu que “toda arte aspira à condição de música”, no sentido da música como arte suprema. Esta ideia parece cada vez mais apropriada quando se tem em mãos a escrita de António Lobo Antunes. O que se nota quando se compara os seus primeiros livros com os mais recentes é um constante

aprimoramento estético da escrita, a sutileza da narrativa e a suavidade da prosa. Ainda que acompanhadas pelo refinamento da ironia e o elevado grau de abstração no qual se revela um apurado sentido estético e os traços autobiográficos do autor se misturem com as memórias dos personagens. Se calhar a escrita de Lobo Antunes pode ser comparada a uma sinfonia, ou a uma ópera. Não tentarei, entretanto, fazer tal comparação. Pois, como disse, não sou especialista em literatura, e mesmo se o fosse, não conheço a estrutura de uma sinfonia. Porém, asseguro, como o próprio escritor afirma que um romance deve ser como uma peça musical, deve prender a atenção do leitor, que o siga página a página. É isto que Lobo Antunes faz nos seus livros que normalmente são tratados como romances. Embora, como afirma José Eduardo Agualusa, os livros de António Lobo Antunes não cabem exatamente nas classificações formais de gêneros da literatura. Se calhar, devem ser vistos como lugares. Lugares que podemos visitar infinitas vezes, mas nunca os descobrimos na totalidade.

Penso que há duas categorias de escritor: uma é o escritor propriamente dito, aquele que domina a linguagem, o construtor de frases, um arquiteto das palavras. A outra categoria é a do contador de histórias. Alguns livros nos prendem pela história que contam. O *Dom Quixote*, por exemplo, ou *Crime e Castigo*, são livros que tanto encantam pela história contada como pela profundidade com que trata os sentimentos e a natureza humana. Outros livros nos prendem pela forma como estão dispostas as palavras, pela construção das frases, pelas metáforas, pelo sentido de humor, e pela forma como tocam os sentimentos mais íntimos e ao mesmo tempo os mais universais. É nesta segunda categoria que se enquadram os livros de António Lobo Antunes. O que conta na sua escrita são as palavras e não a história que se conta, como ele mesmo disse nas suas conversas com Maria Luísa Blanco. Neste sentido, a arte do romance de Lobo Antunes está em desconstruir a arte do romance. Ou seja, os seus livros não contam histórias extraordinárias protagonizadas por heróis ou heroínas. Não têm início, meio e fim. Cada personagem, que assume o papel de narrador, conta a sua história. São, por assim dizer, várias histórias num mesmo romance. Por vezes, cada personagem conta mais de uma história ou estas se confundem na polifonia de vozes, de tempos e narrativas. Aliás, a polifonia é uma característica central da escrita antuniana, o que

leva o leitor ainda não acostumado a refletir sobre quem está a falar a cada momento. O tempo e a memória estão sempre presentes em qualquer dos livros de Lobo Antunes. E mais recentemente, de forma mais apurada, nas crônicas. Há muitos lapsos de tempo que são também recursos utilizados pelo escritor para deixar ao leitor a imaginação sobre cada personagem e cada situação vivida. Nas crônicas mais recentes as pessoas mais caras ao escritor estão sempre presentes, como o pai, o avô, a ex-esposa, Zé, os camaradas de guerra e os amigos mais queridos. A sua memória também está recheada de lugares, como a Benfica da infância e a casa do avô materno em Nelas.

O tema predileto nos romances de Lobo Antunes (vamos chamar de romances, embora o autor não esteja certo disso: ele já disse que pensa que são epopéias líricas aquilo que escreve), é o da saga familiar, com todas as contradições que podem ser encontradas em uma família. Desde a decadência econômica, como em *Auto dos Danados*, à degradação moral, como em *Esplendor de Portugal*, ou mesmo a perda da influência política como em *O Manual dos Inquisidores*. Na saga familiar estão elementos como a ganância, a disputa por heranças, a inveja e o adultério. Todos esses temas que parecem caros à sociedade portuguesa que, no fundo, é ainda uma sociedade nostálgica de um passado grandioso que foi pouco a pouco perdendo o esplendor, mas não a vontade de permanecer grandiosa. António já foi acusado por críticos americanos de ser excessivamente localista, dado que os seus livros têm, invariavelmente, Portugal como cenário. Se os cenários são portugueses, os temas são universais, pois são os sentimentos e as angústias de todo ser humano colocados no papel. Como costuma dizer, Lobo Antunes tenta pôr a vida em cada livro. A sua escrita não tem conotações de arte social ou qualquer conteúdo político.

Seus personagens são pessoas normais que vivem as convulsões sociais e políticas narradas tanto do Portugal salazarista como do pós-25 de Abril. Os acontecimentos políticos apenas servem de pano de fundo para os dramas pessoais vividos por esses personagens. Mas fala e escreve mesmo sobre Portugal: sobre a maneira de ser portuguesa, ao mesmo tempo que trata de temas universais da existência humana, como a morte, o amor, a traição, o êxito e o

fracasso. Sim, sobretudo, o fracasso. Pois os seus personagens são invariavelmente pessoas falhadas. São homens e mulheres à beira da morte. São maridos e mulheres pouco contentes com o casamento. Terroristas ... políticos e militares em decadência. Famílias ricas à beira da falência. Alcoólatras e drogados. Escritores fracassados. São pessoas reais vivendo situações reais. Feitas de carne e osso, sangue e esperma, como diz o próprio escritor.

Numa entrevista recente à revista *Visão*, o jornalista Miguel Sousa Tavares afirmou que os personagens de Lobo Antunes não têm nome, que ninguém lembraria deles depois de algum tempo. Ora, não se precisa saber o nome do juiz de instrução de *Tratado das Paixões da Alma*, que era filho do caseiro de uma quinta e por isso nunca foi aceito como senhor doutor, no mundo dos senhores doutores. Da mesma forma que é impossível esquecer o senhor general de *O Manual dos Inquisidores*, que afirmava fazer às empregadas “tudo que elas querem, mas nunca tiro o chapéu para que saibam quem é o patrão”. Embora o general tenha nome, Francisco, não é pelo nome que se torna conhecido. Mas pela natureza da sua personagem: o general decadente que esperava suceder Salazar no comando da ditadura e se sente desprestigiado e vingativo. Também não é preciso lembrar o nome do maluco dos comboios em *Auto dos Danados* que, enquanto comanda suas estações e seus comboios de brinquedo como se fossem verdadeiros, assina o documento que passa ao cunhado vigarista, todos os bens da família, a pretexto de ser tal documento autorização para construir novos ramais e estações.

Todavia, é impossível, para quem leu, esquecer os nomes do mulato Carlos, da desventurada Clarisse e do epilético Rui, em *Esplendor de Portugal*. Igualmente impossível é esquecer o nome do outro Rui, protagonista de *Explicação dos Pássaros*, das irmãs Ana Maria e Maria Clara, que lutam com a morte do pai em *Não Entres tão Depressa Nessa Noite Escura*. Ou mesmo do João, o engenheiro que perde a esposa, o trabalho no banco e tem a quinta alienada, filho do general de *O Manual dos Inquisidores*.

O que os personagens de António Lobo Antunes não têm é sobrenome. Pois não são caricaturas de personagens reais, mas, sim, personagens reais, que vivem e atormentam tanto

o escritor quanto o leitor. Quem viveu no Portugal salazarista, católico e monárquico, ou quem viveu e vive no Brasil dos coronéis e generais, não pode deixar de enxergar a realidade social e política encarnada no general que continua a acreditar no seu direito sagrado ao poder, à terra, ao dinheiro e às pessoas, e que, ao abusar das empregadas, diz para o filho: “faz tudo o que ela quiser, mas nunca tires o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão”. Ou mesmo lembrará do próprio senhor engenheiro arrependido por ter tirado o chapéu e perder, além da esposa, a parte no banco e a quinta de Palmela. O escritor não envereda pelo caminho do romance histórico, da biografia ou do escrito com conotações políticas. No único livro no qual satiriza personagens reais, os principais heróis portugueses, *As Naus*, apenas alguns personagens são tratados pelo sobrenome.

Do ponto de vista estético, a prosa de Lobo Antunes é revolucionária. Ao mesmo tempo que desconstrói as formas narrativas tradicionais, constrói um estilo próprio, passando às próprias personagens a responsabilidade da narração. Altera o ideal romanesco, sendo ela própria uma narrativa anti-romance. Isto porque o ideal romanesco é o da personagem heróica e dos acontecimentos extraordinários. Ao mesmo tempo que altera a ordem do romance, Lobo Antunes mantém aceso o ideal romanesco. E os sentimentos como o amor, o ódio e a vingança se revelam de maneira crua nas desgraçadas vidas de suas personagens. Talvez seja por isso que os seus livros são taxados de tristes e difíceis, quando, na verdade, são livros alegres e bem-humorados em sua maioria. É que António Lobo Antunes narra, através das suas personagens, acontecimentos banais protagonizados por anti-heróis, já que as suas personagens são, no geral, pessoas ordinárias sem qualquer importância na hierarquia social; ou decadentes, quando se trata de pessoas social e politicamente importantes, como o tenente-coronel de *Fado Alexandrino*, e o senhor General de *O Manual dos Inquisidores*.

Este aspecto da decadência das famílias tradicionais é narrado de forma extraordinária nos livros que tratam da desarrumação trazida pela revolução e a falta de rumos do Portugal pós-revolucionário da década de 1970, tendo como pano de fundo a ameaça comunista e o medo de perder os privilégios de uma classe parasitária. As figuras dos comunistas barbudos e

dos camponeses mal vestidos a atacarem as casas e tomarem as jóias e as roupas em *Auto dos Danados*, do general com a caçadeira a ameaçar meter chumbo nos cornos do primeiro comunista que aparecer na sua quinta, n' *O Manual dos Inquisidores*, ou do capelão a imaginar os pobres a roubarem as caixas de esmola das igrejas e as coroas de prata das santas, em *Fado Alexandrino*, retratam este sentimento de perda das classes abastadas e as incertezas com o novo regime. Mas são os sentimentos das pessoas que se expressam nesses livros, servido o contexto político e social apenas como pano de fundo. O preconceito com os pobres e o racismo encontrados nas personagens de Lobo Antunes não devem, entretanto, ser imputados ao escritor; são estereótipos de uma sociedade marcada por anos de patrimonialismo e pelo conservadorismo católico, monárquico e salazarista.

Mas a prosa de António Lobo Antunes não é revolucionária apenas por virar de ponta cabeça o ideal romanesco, por dar dramaticidade aos acontecimentos banais. É revolucionária sobretudo pela forma como esta dramaticidade é descrita. A construção das frases, a ironia e as constantes mudanças de tempo e de pessoa na sua narrativa, constituem a principal marca da sua escrita. Se é razoável dizer que os poetas trabalham com as palavras, mais razoável ainda é concordar com Antunes, que ele trabalha com a palavra. Pois é a palavra que conta. O que interessa não é a história em si, mas a maneira como é contada. Ao recorrer à polifonia, aos lapsos de memória e ao transferir para as personagens o papel de narrador, Lobo Antunes cumpre com o que diz em algumas entrevistas: que é preciso que o autor se desapareça para o livro ganhar vida. Paradoxalmente, esse desaparecimento do autor proporciona ao leitor identificar a sua autoria, o seu estilo. E é isto que importa: o livro; a escrita.

Como escreve sempre sobre acontecimentos banais, tem um encanto pelas coisas mais simples, como os bibelots, os naperons, os aparadores e detalhes curiosos das salas escuras dos andarezinhos pobres, das casas tristes às três horas da tarde. Como na crônica *Uma Noite Assim*, na qual o personagem se preocupa em pôr o gato de gesso bem ao centro da mesa para que não caia e se parta, sempre que as locomotivas partem da estação, próxima demais à casa. Mas também revela o gosto pelos espaços magnânicos das quintas e dos jardins com suas estátuas e piscinas. Nega qualquer conteúdo político que possa ser encontrado nos seus livros.

E reforça a ideia de que tenta pôr a vida em cada livro. Isto é, seus livros tratam de acontecimentos banais e seus personagens estão longe de serem caricaturas. São personagens reais, humanas, que sofrem, amam e traem. Feitos de carne, osso sangue e esperma.

Os livros de António Lobo Antunes são difíceis de classificar, embora sejam, na sua maioria, publicados como romances. Todavia, em entrevista à revista *Ler*, em Maio de 2008, o escritor mesmo diz achar que a partir de *O Esplendor de Portugal*, deixam de ser romances. Já havia afirmado antes serem “epopéias líricas”. Podem ser vistos como ensaios ou mesmo como poemas, como o próprio Antunes, deliberadamente, mandou pôr em *Não Entres Tão Depressa Nessa Noite Escura*. Aliás, a escrita de Lobo Antunes é poética na forma como trata as palavras e como maneja as metáforas, como no início de *Conhecimento do Inferno*:

*O mar do Algarve é feito de cartão como nos cenários de teatro e os ingleses não percebem: estendem conscienciosamente as toalhas na serradura da areia, protegem-se com óculos escuros do sol de papel, passeiam encantados pelo palco de Albufeira em que funcionários públicos, disfarçados de hippies de carnaval, lhes impingem, acorados no chão, colares marroquinos fabricados em segredo pela junta de turismo, e acabam por ancorar ao fim da tarde em esplanadas postiças, onde servem bebidas inventadas em copos que não existem, as quais deixam na boca o sabor sem gosto dos uísques fornecidos aos figurantes durante os dramas de televisão.*  
(ANTUNES, 2004:13)

Se calhar, os seus livros podem ser lidos como memórias, no sentido atribuído à *recherche* de Marcel Proust (1871-1922). Pois o recurso à memória é uma constante na escrita de Lobo Antunes (eu ia dizer antuniana, mas não gosto da palavra e não quero adjetivar os seus escritos). Aliás, a começar pelo título do seu primeiro romance, *Memória de Elefante*, passando pelas lembranças mais aterradoras da guerra em *Os Cus de Judas*, e na conversa dos militares de *Fado Alexandrino*. Mas se revela sobretudo nos parágrafos iniciais de *O Manual dos Inquisidores*:

*E ao entrar no tribunal em Lisboa, era na quinta que pensava. Não na quinta de agora com as estátuas do jardim quebradas, a piscina vazia, o capim que devorava os canis e destroçara os canteiros, a grande casa destelhada onde chovia no piano com o retrato autografado da rainha.... ao entrar no tribunal em Lisboa não pensava na quinta de agora mas na quinta*

*e na casa do tempo do meu pai quando Setúbal ainda não chegara ao portão e aos salgueiros do muro e descia rio adentro num atropelo de traineiras e tabernas. (ANTUNES, 2005:13).*

Ou no seu livro mais recente, *Que Cavalos São Aqueles Que Fazem Sombra no Mar?*:

*Toda a vida, antes da doença e durante a doença, a minha mãe contou-nos e contou-nos*

*-Oiçam isto!*

*Que em pequena a minha avó acompanhava a minha bisavó de visita a senhoras que moravam em andares antigos na parte antiga de Lisboa, salas e corredores numa penumbra perpétua onde as pratas e as loiças a seguiam e a minha avó com dez ou onze anos a pensar*

*- Como esta casa deve ser triste às três horas da tarde (ANTUNES, 2009:13).*

Na sua prosa desconcertantemente inovadora António Lobo Antunes recorre até mesmo à forma do relato policial que acompanha quase toda a narração de *O Meu Nome é Legião*, quando trata da ação de meninos infratores de um bairro pobre de migrantes nos subúrbios da capital.

Não cairei na tentação de classificar ou periodizar os seus livros como o fazem os especialistas. Primeiro por correr o risco de cometer disparates; e segundo por acreditar que eles são grandes demais para se enquadrar em qualquer gênero literário. Talvez concorde com o escritor angolano José Eduardo Agualusa, quando este diz que prefere lembrar os livros de Lobo Antunes como lugares, os quais visitamos mas nunca os conhecemos por completo. São livros de uma profundidade e ao mesmo tempo de uma simplicidade que só podem ser escritos por gênios como Lobo Antunes (mesmo que essa palavra esteja um tanto puída, é de gênio que se trata mesmo) que, independentemente das classificações, fazem o que faz a grande literatura: dá-nos as palavras certas para dizer o mundo.

António Lobo Antunes escreveu numa crônica intitulada *Receita para me lerem*, publicada no *Segundo Livro de Crônicas*, que os seus livros não são para serem lidos. Diz ele:

*Sempre que alguém afirma ter lido um livro meu fico decepcionado com o erro. É que meus livros não são para serem lidos no sentido em que usualmente se chama ler: a única forma, parece-me de abordar os romances*

RODRIGUES, João

*que escrevo é apanhá-los do mesmo modo que se apanha uma doença.*  
(ANTUNES, 2002:113).

Creio os ter apanhado como se apanha uma doença, desde que comecei a ler as primeiras páginas de *O Esplendor de Portugal*, em Novembro de 2005. Digo creio, porque nunca mais consegui parar de ler, pensar e citar os livros e as crônicas de António Lobo Antunes. Entretanto, mais certo de os ter apanhado como uma doença, estou certo de não querer a cura.

Conforme já foi dito ao longo do texto, o presente ensaio não tem a pretensão de fazer qualquer crítica literária, até mesmo pelo facto de não ser o seu autor um crítico ou alguém com formação para tal. O ensaio foi escrito para uma conferência a ser apresentada no projeto de extensão Encontro com Autores, coordenado pelo professor Ailton Siqueira, e o objetivo era tão somente apresentar o escritor António Lobo Antunes e sua obra a um público que ainda não o conhecia. Por se tratar de uma conferência foi escrito em primeira pessoa e carregado de emoções e impressões pessoais do autor sobre a obra e a pessoa de António Lobo Antunes: sua forma única de escrever, sua arte do romance, ou do anti-romance, conforme as opiniões de alguns estudiosos da obra antoniana.

Após a escrita do texto, li vários outros romances do escritor e passei a ter uma visão mais completa e amadurecida da sua obra que certamente não cabe em nenhuma definição de gênero ou estilo literário. Também li alguns livros de entrevistas do autor e algumas críticas sobre a sua obra, sobretudo veiculada por jornais e revistas portuguesas. Sendo um texto de caráter ensaístico e não um artigo de cunho acadêmico-científico, não cabe propriamente uma conclusão. Até mesmo por se tratar de uma obra inconclusa que o próprio escritor denomina de epopéia lírica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, António Lobo. **Conhecimento do inferno**. 14 ed.. Lisboa: Dom Quixote, 2004.



ANTUNES, António Lobo. **O Manual dos Inquisidores**. 10 ed.. Lisboa: Dom Quixote, 2005.

ANTUNES, António Lobo. **Segundo livro de crónicas**. 2 ed.. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

ANTUNES, António Lobo. **Que Cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?**. Lisboa: Dom Quixote, 2009.

ANTUNES, António Lobo. **Memória de elefante**. 22 ed.. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

ANTUNES, António Lobo. **Os Cus de Judas**. 25 ed.. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

ANTUNES, António Lobo. **Fado Alexandrino**. 11 ed.. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

ANTUNES, António Lobo. **Auto dos Danados**. 14 ed.. Lisboa: Dom Quixote, 2005.

ANTUNES, António Lobo. **O Esplendor de Portugal**. 3 ed.. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

ANTUNES, António Lobo. **Tratado das paixões da alma**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

ANTUNES, António Lobo. **As Naus**. 6 ed.. Lisboa: Dom Quixote, 2006.

ANTUNES, António Lobo. **A Morte de Carlos Gardel**. 4 ed.. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

ANTUNES, António Lobo. **A Ordem natural das coisas**. 3 ed.. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

ANTUNES, António Lobo. **Não entre tão depressa nesta noite escura**. 6 ed.. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

ANTUNES, António Lobo. **Ontem não te vi em Babilônia**. Lisboa: Dom Quixote, 2006.

ANTUNES, António Lobo. **O Meu nome é Legião**. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

ARNAUT, Ana Paula. **António Lobo Antunes**. Lisboa: Edições 70, 2009.

ARNAUT, Ana Paula. **Entrevistas com António Lobo Antunes: 1970-2007-Confissões do Trapeiro**. Coimbra: Almedina, 2008.

BLANCO, María Luisa. **Conversas com António Lobo Antunes**. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

SILVA, João Céu e. **Uma longa viagem com António Lobo Antunes**. Lisboa: Porto Editora, 2009.